



Imigração e Tempo Presente

**Autores: IOKOI, Zilda Márcia Grícoli
NUNES, Sandra e TELES, Teresa**

*Esperar é uma vergonha,
e a vergonha de esperar recai sobre aquele que espera.
A espera é algo de que se deve envergonhar
porque pode ser observada e tomada como
prova de indolência ou baixo status,
vista como sintoma de rejeição ou sinal de exclusão.*
Bauman, Zygmunt. in: *Vidas despedaçadas* (2005, p. 135)

Resumo

Neste estudo analisamos a imigração de bolivianos e africanos para São Paulo nos marcos dos processos migratórios e de deslocamentos por tráfico de pessoas que compõem a história de nossa diversidade populacional. Como fenômenos da história do tempo presente tratamos dos movimentos, das perspectivas da História Oral e da necessária descolonização dos saberes que veem os imigrantes como força de trabalho e não como sujeitos. Apresentamos as narrativas desses sujeitos e como a literatura Africana parece refletir os questionamentos dessas vidas em trânsito.

Abstract

In this study we analyzed the migration of bolivians and africans in Sao Paulo in the landmarks of migratory processes and displacement by traffic of people that make up the history of our population diversity. Like a phenomena of present history we treat of movements, of Oral History perspectives and the necessary decolonization of knowledge who see percieves immigrants as a labor force and not as subjects. We present the



narratives of these individuals and how african literature seems to reflect the lives of those questions in transit.

Introdução

Iniciamos este trabalho com a assertiva que o tema insere-se nas urgências do tempo presente e que a espera já se faz vergonhosa. Sendo a imigração um fenômeno contínuo na história da humanidade e uma aporia grandiloquente de nossa autorepresentação sobre acolhimento e tolerância, não podemos deixar de abordar os acontecimentos que têm sido noticiados nos últimos anos, fator de reincidência histórica, ou seja, a proliferação das formas mais abjetas da exploração humana em processos de trabalho degradantes, formas equivalentes as da escravidão.

Assim inicia-se a imigração de latino-americanos, em especial os originários da Bolívia, de modo ainda próximo da presença africana no Brasil, considerada como a primeira ação de deslocamentos forçados em nossa formação social marcada por violências desmesuradas, ainda hoje presentes nos vastos contingentes de população negra e seus descendentes, muitos dos quais encontram-se nas faixas mais pobres de nossa sociedade. Os estudos sobre essa transumância atlântica não foram considerados no campo das imigrações, mas os dilemas desse grupo social remetem a situações equivalentes a dos demais imigrantes que ocupam as preocupações dos historiadores e demais cientistas sociais contemporâneos: dificuldades e perda das línguas, proibições de realização dos ritos ou práticas religiosas, separação e perda de contato entre os deslocados e seus familiares e, quase nunca, retorno à terra natal. Para os escravos perda da condição humana, trabalho compulsório e castigos corporais.

A engrenagem desses deslocamentos contemporâneos também está centrada no tráfico de pessoas que se realiza nos caminhos do tráfico de drogas, de órgão e de armas. Presente e passado encontram-se como fantasmas a serem caçados pelos processos de conhecimentos, a fim de permitir a superação dessas tragédias humanas. A memória das imigrações repousa sobre nuvens, nada passageiras, que ocultam as formas, as origens e os mitos ligados aos processos eugenistas do século XIX. As iniciativas da propaganda do



Brasil na Europa criaram peças de ficção sobre o país, as oportunidades e os ganhos reais dessas famílias de trabalhadores retirados de seus lugares de origem nos processos de concentração fundiária ocorridos, por exemplo, na região do Veneto antes mesmo da unificação dos Reinos. Duas décadas depois foi a vez dos artesãos e artífices do Sul da Itália, perseguidos políticos por ideologia libertária. São Paulo configurou-se como uma cidade italiana nos anos 1930/50 pela presença de empresários que criaram o mito do trabalho igual riqueza

Hoje reencontramos africanos e latino-americanos em algumas regiões brasileiras, mas especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro, e há estudos de brasileiros na Europa realizando diferentes atividades profissionais. Lá e cá violências e sofrimentos mascarados por preconceitos e estigmas que exigem nossa inserção como analistas da História do Tempo Presente.

Para Agnes Chauveau e Philippe Tétart¹, três fatores contribuíram para a afirmação e expansão da história do presente: o retorno de uma história renovada do político, que agiu como um agente aglutinador e dinamizador; o impacto de geração, uma vez que o ímpeto dos últimos acontecimentos do século XX provocou o desejo de reagir e explicar o presente; e por fim, a demanda social, já que após 1945, a sociedade exigia esclarecimentos que somados ao aumento e aceleração da comunicação, e da elevação dos engajamentos ideológicos dos anos 1950-60, tiveram um papel determinante na formação deste campo. Jean-Pierre Rioux em suas reflexões afirma que a história do presente não teria se firmado na França, por exemplo, senão tivesse ocorrido um encontro frutífero entre “historiadores sedentos de atualidade e jornalistas em busca de legitimidade histórica”².

O marco definidor dessa necessidade se deu ao longo do século XX e não se esgotou no século passado. Ao contrário, consolidou-se no novo século provocando um processo reflexivo sobre o lugar e o papel dos intelectuais e seus compromissos com o

1 CHAUEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (orgs.). *Questões para a história do presente*. São Paulo: EDUSC, 1999.

2 RIOUX, Jean-Pierre. “Pode-se fazer uma história do presente?” In: CHAUEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.). *Questões para a história do presente*. São Paulo: EDUSC, 1999.

tempo histórico. A ideia do distanciamento dos acontecimentos para se recuperar a crítica descomprometida que se fizera na esteira do cientificismo do século XIX e de concepções sobre a verdade hierarquizada de saberes descarnados, ou ideologicamente comprometidos, foi posta em xeque pela barbárie nazista. Boaventura de Souza Santos sinaliza em *Renovar a Teoria crítica e Reinventar a Emancipação Social*³, que se deve “produzir conhecimentos que questionem a hierarquização produzida por saberes unitários que omitem as diferenças e a hegemonia da lógica e da racionalidade ocidental que se sobrepõe às demais.”⁴

Apesar dos avanços significativos, a história do tempo presente encontra dificuldades para se legitimar diante da crítica da história em relação às reconstruções da memória, devido à crença de que é necessário um distanciamento entre o historiador e seu objeto de estudo, e que o recuo do tempo permitiria a objetividade. Mas não há como negar, que os acontecimentos como a Segunda Guerra Mundial e o genocídio nazista tornaram necessária a emergência da história do tempo presente. Diante de novas abordagens, novos objetos, de consideráveis produções editoriais em história, e das incertezas e dúvidas que cercam o homem contemporâneo, o historiador está orientado a produzir um “sentido”, seja o da explicação ou o da interpretação histórica⁵. O tema da imigração emergiu como necessidade de se repensar a problemática do outro, o negro e o estrangeiro depois da Segunda Guerra e o aumento das intolerâncias.

Neste sentido, o trabalho do historiador do presente não deixa de ser exercido com menos rigor que o trabalho do historiador que se volta para o passado. Ambos buscam a “verdade”, mesmo sabendo que esta verdade é parcial, pois sabe que o homem e as sociedades humanas são temporais e que a reescrita contínua da história é uma necessidade. O imperativo da “verdade” é uma das preocupações de quem tem como ofício refletir sobre o seu próprio tempo vivido, o medo de se enganar, de se deixar iludir pelos gestos, ações e discursos tão recentes.

3 SANTOS, Boaventura de Souza. *Renovar a Teoria crítica e Reinventar a Emancipação Social*, São Paulo: Boitempo, 2007.

4 Idem, p.25.

5 RIOUX, Jean-Pierre. *Op. cit.*



O presente desperta atenção do historiador por ser ele antes de tudo um cidadão, um homem que diante acontecimentos e problemas da realidade que busca interpretá-los, e sabe que a história é o estudo da mudança das sociedades humanas, e que é preciso, muitas vezes, esclarecer o presente pelo passado, como também confirmar ou corrigir suas interpretações do passado através do presente. Henri Lefebvre⁶ nomeou seu método regressivo-progressivo como um caminho genealógico. A relação presente-passado-futuro é fundamental para realização do ofício do historiador, pois mesmo estudando o passado mais remoto, é preciso fazer uma história que explique o presente. A ligação história e o futuro, não podem ser menosprezados, o estudo passado nos remete à memória para a compreensão do presente e nos permite projetar utopias, sem as quais não há o devir. Assim, a retomada dos estudos sobre emigrar e migrar é exigência de nosso tempo. Os novos grupos e as violações de seus direitos exigem a revisão dos valores deste tema.

É com esse compromisso que neste simpósio temático reunimos dois grupos de estudos sobre as e/imigrações na chave dos deslocamentos populacionais e das fronteiras em movimento.

Os imigrantes na Cidade

Sobre os processos imigratórios, a cidade de São Paulo representa muitos períodos e países. Vamos analisar os fenômenos que se realizaram a partir das décadas de 1970 em diante.

Segundo Patrícia Freitas⁷, os imigrantes coreanos em São Paulo tiveram um papel considerável na reestruturação da indústria da moda no país, atuando como dinamizadores do processo de produção flexível, na medida em que, a partir da década de 1970, chegaram aqui com certo capital e experiência no setor da Coreia do Sul. Os primeiros coreanos a chegarem ao Brasil o fizeram na década de 1960 por meio de

⁶ LEFEBVRE, Henri. *Hegel, Marx, Nietzsche*. 6ª ed. México: Siglo Veintiuno, 1984.

⁷ FREITAS, Patrícia Tavares. *Imigração e Experiência Social: o circuito de subcontratação transnacional de força-de-trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo*. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, 2009



acordos entre os dois países, cuja finalidade era uma migração para regiões rurais. Devido a diversas irregularidades, inclusive nas terras impróprias destinadas aos recém-chegados e a origem urbana dos mesmos dirigiram-se aos centros urbanos, onde se instalaram no bairro da Liberdade, dada a proximidade com os japoneses.

Deparam-se principalmente com barreira da língua, que afetava diretamente a vida profissional e a sobrevivência na metrópole: em empresas e no comércio, eram sempre preteridos por brasileiros ou outros imigrantes que sabiam se comunicar melhor; quando abriam negócios próprios, muitos eram enganados pelos empregados ou por sócios nacionais ou de outras nacionalidades. No difícil processo de integração, estudado por Keum Choi⁸, as mulheres passaram a desempenhar um papel fundamental no sustento da família, vendendo de porta em porta objetos que trouxeram consigo, e, como a oferta de produtos importados no Brasil era mínima, a aceitação de suas mercadorias foi grande. Além disso, algumas dessas mulheres montaram pequenas confecções ao perceberem a falta de roupas baratas que havia no mercado⁹. Aos poucos foram se inserindo no Bairro do Bom Retiro que já fora ocupado por artesãos italianos, depois por comerciantes judeus oriundos da Bielorrússia ou da Polônia¹⁰ e por libaneses comerciantes de porta em porta, os “mascates”.

Grande parte dos costureiros latino-americanos ocupou o lugar dos coreanos e se espalharam pela região do Pari e do Brás tendo-os como patrões no novo ciclo de imigração dos anos 2000. Estudamos o grupo dos bolivianos por serem mais numerosos e estarem na cidade procurando reverter sua condição de trabalho degradante e lutar por direitos básicos em São Paulo. Apoiados pelo CAMI e pela Pastoral do Migrante eles ganharam visibilidade e espaço nas mídias há algum tempo. Os estudos sobre suas condições de trabalho e a iniciativa de algumas lideranças que já estavam na cidade permitiram a realização de muitas ações, como sua territorialização na Praça Kantuta, no

8 CHOI, Keum Joa. *Além do Arco-Íris: a imigração coreana no Brasil*. Dissertação de Mestrado em História, São Paulo: FFLCH -USP, 1991.

9 FAVARETTO, Julia Spiguel. *Descolonizando Saberes: História dos Bolivianos em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: FFLCH-USP, 2012.

10 IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. *Intolerância e Resistência: A Saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil*. São Paulo/Itajaí: Humanitas/Univale, 2005.



Bairro do Pari. A Feira Boliviana introduziu na cidade um espaço cultural diversificado com frequência de outros grupos paulistanos.

Em 02 de junho de 2009 o governo brasileiro concedeu a anistia aos cerca de 50 mil estrangeiros que viviam irregularmente no Brasil há alguns anos. A eles foi franqueada anistia pelo Projeto de Lei 1664, aprovado no Congresso e sancionado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ao beneficiar os imigrantes que entraram no país até 1º de fevereiro de 2009 foram regularizados, tanto quem chegou legalmente, mas ficou por período maior que o concedido no visto de entrada, quanto para quem cruzou a fronteira na clandestinidade. É difícil mostrar em números o grande contingente de estrangeiros ilegais que, por estarem à margem da lei e da sociedade, aceitam viver em condições muitas vezes desumanas. Dados do Instituto Migrações e Direitos Humanos, ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), apontam entre 250 mil e 300 mil indocumentados. O Ministério da Justiça calcula 50 mil irregulares. E a Associação Nacional de Estrangeiros e Imigrantes no Brasil (ANEIB) aponta cerca de 60 mil. De qualquer maneira, eles são milhares e vêm atrás de melhores oportunidades o mesmo "sonho do progresso" que leva brasileiros principalmente aos Estados Unidos, à Europa e ao Japão.

Outro grupo de imigrantes contemporâneos chega do Caribe, em especial do momento do Haiti, como todos sabem. Há ainda um grande número de população africana de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau e Moçambique, que chegam, alguns como turistas e permanecem em território nacional. Destes, nos debruçamos sobre histórias de vida dos estudantes africanos de Moçambique e Angola que migram para realizar cursos de graduação e pós-graduação nos diferentes departamentos da Universidade de São Paulo e em universidades privadas.

Utilizando-nos da metodologia da História Oral, pudemos nesse projeto responder à questão central na qual se debruçam os cientistas sociais contemporâneos, qual seja, analisar os processos por meio da voz dos participantes, recolocando vivências que portam subjetividades no desvendamento das histórias submetidas aos processos institucionais. Parte das atividades desenvolvidas na estruturação da rede de



pesquisadores para o projeto em tela consistiu na orientação teórica dos membros da equipe, e se realizou inicialmente no I Encontro de Pesquisadores em São Paulo, em junho de 2011.

Apreendemos análises e pesquisas que têm focado a imigração pela voz dos sujeitos envolvidos de forma a buscar nas histórias particulares a dimensão do vivido nos deslocamentos humanos, para além das perspectivas econômicas e de Estado. Em *Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas* Zeila Demartini e Oswaldo Truzzi, fazem uma retrospectiva da produção acadêmica sobre as migrações a partir da década de 1940. Nessa coletânea contribuíram pesquisadores empenhados, cada um em sua linha teórico-metodológica, em compreender as especificidades dos casos que analisam a partir de fontes orais, narrativas biográficas, cartas trocadas entre familiares, pesquisa de campo etnográfica, processos criminais ou métodos comparativos¹¹.

Destacamos o texto de Giralda Seyferth¹², pioneira nos estudos contemporâneos sobre imigração, para quem o deslocamento de europeus para a região sul do Brasil pode ser realizado por correspondência particular, compostas de cartas e narrativas biográficas. Essas fontes, alternativas à documentação oficial, revelaram aspectos obliterados pela historiografia tradicional, em especial questões subjetivas inerentes ao tema. O recorte cultural obtido por meio de documentos produzidos pelo próprio imigrante permitiu que se percebesse a riqueza dos relatos pessoais frente aos documentos frios, registros institucionais produzidos pelos controles exercidos na administração pública nos países de destino. O que fica claro na argumentação de Seyferth é o recorte temático cultural que permite a complexificação do fenômeno ampliando o olhar do pesquisador por essa perspectiva analítica. Este é o nosso objetivo.

A História Oral em Decorência do Tempo Presente

11 DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TRUZZI, Oswaldo. *Estudos Migratórios. Perspectivas metodológicas*. São Carlos: EduFSCar, 2005.

12 SEYFERTH, Giralda. "A dimensão cultural da imigração" in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, São Paulo: ANPOCS, 2011, pp. 47-62.



O tema central já realizado no âmbito dos projetos “Imigrações Contemporâneas em Cidades Globais” e “Fronteiras em Movimento: Deslocamentos populacionais e outras Dimensões do Vivido” centra-se nos *borders studies* pois as bordas, as fronteiras entre os saberes e os deslocamentos desafiam as ciências humanas a responderem aos dilemas e demandas sociais abertos pelos intensos e contínuos deslocamentos populacionais contemporâneos. Buscamos compreender os problemas gerados pela ampliação das fronteiras, necessárias aos fluxos demográficos e econômicos, a fragmentação do trabalho e do vivido dos sujeitos no tempo presente.

Assim, tendo em vista a centralidade do trabalhador, e não mais do trabalho, no fenômeno migratório, interessa-nos os múltiplos aspectos envolvidos no processo, como relações de gênero, arranjos e desarrajos familiares, representações sociais, discursos e interpretações daqueles que se deslocam sobre o próprio deslocamento, enfim, análise da migração como um processo social total, conforme Abdelmalek Sayad¹³. Essa complexidade nos levou à História Oral.

Em primeiro lugar é necessário notar a existência de uma variedade de abordagens com relação à História Oral que podemos dividir em três conjuntos básicos. O primeiro deles compreende obras cujo objetivo é o de organizar procedimentos para operar a História Oral em projetos e pesquisas a serem desenvolvidos em ambientes os mais diversos. Neste primeiro conjunto estão obras como as de José Carlos Bom Meihy¹⁴, Sônia Maria de Freitas¹⁵ ou Lucila Delgado¹⁶ que pela sua proposição, são apreendidas como *manuals* de história oral. Ainda neste conjunto, destaca-se o trabalho de Paul Thompson *A Voz do Passado*¹⁷ cujo reconhecimento se deve à forma como ele aborda a problemática da História Oral cujo desafio em parte, pretende, como uma finalidade social essencial da história, dar voz aos sujeitos.

Em outros termos, para além das informações *mais técnicas* - como a dos

¹³ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp, 1998.

¹⁴ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Reintroduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

¹⁵ FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral. Possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2006.

¹⁶ DELGADO, Lucila A. Neves. *et alii. História Oral*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2007.

¹⁷ THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.



procedimentos com entrevistas e projetos - a reflexão sobre a questão da memória e, particularmente, a análise sobre a relação entre os historiadores e a história oral, esses estudos revelam que essa forma da história possui um estatuto teórico que deve ser considerado pela abordagem interdisciplinar tal como a caracteriza Hilton Japiassu em *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*¹⁸. A aproximação com os sujeitos e o ponto de vista daqueles que não são considerados na história é uma constante na maior parte das aproximações com a História Oral. Ela tem o potencial de, ao revelar as vozes dos sujeitos, trazer à tona formas variadas do vivido na sociedade – especialmente de grupos ausentes das reflexões históricas a partir de sua racionalidade.

O segundo conjunto de abordagens sobre a História Oral está expresso em trabalhos como o de Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos*.¹⁹ Trata-se de um estudo que, dentre outras abordagens, discorre sobre os meandros da memória. Análogo ao procedimento de Paul Thompson, quando aborda a relação dos historiadores com a oralidade, o trabalho de Ecléa propicia ao leitor uma aproximação sobre as múltiplas formas de compreensão da memória. Seu estudo passa pela filosofia, psicologia, biologia e história, revelando potenciais e também os riscos da utilização das memórias/lembranças para a construção da história. Diferentemente dele, Ecléa busca uma análise abrangente da memória para compreender melhor seus depoentes, os velhos. Nesse exercício teórico/empírico, o pretérito da vida, atualizado no tempo presente, no corpo *lento* e na memória sagaz, faz da fala do sujeito um complexo de significados fundamentais para a compreensão de como os *velhos* ressignificam seu lugar no mundo contemporâneo. Assim, Ecléa traz o sujeito para o centro, trata-o como uma totalidade aberta, singular e plural, única e representativa de algo mais amplo.

O terceiro conjunto de obras revela seu potencial epistemológico. Em outros termos, a potencialidade da História Oral em produzir outros conhecimentos e revelar saberes. Neste conjunto, destacamos os trabalhos da socióloga boliviana Silvia Rivera

18 JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

19 BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.



Cusicanqui e Walter Mignolo, para quem a descolonização que começou durante a Guerra Fria com os movimentos de libertação nas colônias inglesas e francesas na África e na Ásia, tem hoje outro significado, tanto epistêmico quanto político, na América do Sul e no Caribe. Evo Morales é a primeira concretização desta tendência, enquanto os zapatistas foram o primeiro movimento social a aplicar sua estratégia na descolonização. Por mais que não tenham usado o termo, seus dizeres e ações eram descoloniais. Com o fim da Guerra Fria, e talvez até o ano 2000, a esquerda boliviana foi, sem dúvida, a que mais contribuiu para a reorientação da esquerda moderno-colonial (que os europeus chamam apenas de esquerda moderna) e que se abriu para a compreensão histórica e as demandas indígenas propostas pelos escritos de José Carlos Mariátegui no Peru. Ela é, ao mesmo tempo, continuidade e transformação da esquerda nacionalista²⁰. Essa tensão aparece nos relatos dos imigrantes numa díade referida aos valores ancestrais, às religiosidades, a língua e ao lugar de origem, mas também nas necessidades modernas da educação, das tecnologias, da saúde e do direito ao convívio fora dos espaços de aprisionamento nas oficinas de costura.

É nessa perspectiva que Abdelmalek Sayad sintetiza sua postura teórico-metodológica na obra *A Imigração: ou os paradoxos da alteridade*²¹ pelas múltiplas abordagens sobre essa temática nas mais variadas disciplinas. Atentando especificamente para o tema da imigração contemporânea, o autor analisa o caso do fluxo de argelinos à França, como ponto de partida para compreender a migração internacional no mundo como um fenômeno global, em que se pode encontrar determinados padrões, sem deixar de lado as particularidades de cada caso. Sayad busca compreender a migração por meio de uma perspectiva dialética que engloba as duas dimensões que o compõem – emigração e imigração: o imigrante nasce quando cruza a fronteira para outro país, ou seja, o conceito de imigrante baseia-se num agente que sai de uma nação para outra, e, por isso,

20 MIGNOLO, Walter. Entrevista à Deutsche Welle, em 09/04/2010. Disponível em <http://www.dw.de/s%C3%B3-descoloniza%C3%A7%C3%A3o-da-subjetividade-trar%C3%A1-mudan%C3%A7a-%C3%A0-am%C3%A9rica-latina-diz-walter-mignolo/a-5285265>. Acessado em 05/07/2013.

21 SAYAD, Abdelmalek. *Op. cit.*



está simultaneamente ausente e presente²².

Abordagens como a de Sayad enfocam os aspectos subjetivos dos deslocamentos humanos, considerando as motivações pessoais e as redes sociais como componentes importantes para o estabelecimento de fluxos migratórios. Homi Bhabha²³, por sua vez, definiu a circunstancialidade e a particularidade dos movimentos humanos contemporâneos articulando-os ao novo internacionalismo decorrente das lutas e dos deslocamentos pós-coloniais, das migrações, da diáspora, do refúgio e exílios. O internacionalismo, próprio da contemporaneidade, compõe-se da conexão de um conjunto de fenômenos relativos ao movimento do capital, da tecnologia e da força de trabalho. Os deslocamentos e as migrações conectam-se à globalidade do capital e, no rol de contradições de sua constituição, transformam-se em um problema crucial do tempo presente, quando, nas regiões fronteiriças do encontro entre diferentes culturas, a intolerância surge como resultado da construção/reconstrução identitária dos sujeitos.

Narrativa dos sujeitos: um imigrante angolano em São Paulo

Eu sou Marseu Sebastião de Carvalho. Nasci no dia 2 de abril de 1992. O meu pai se chama Sebastião Candembele e a minha mãe, Vitória Geraldo Pongo. Somos quatro filhos do mesmo pai e da mesma mãe. O meu pai não tem filhos fora do casamento. Eu tive uma infância um tanto quanto sacrificada, por ser o primeiro filho. Eu e a minha irmã, que vem depois de mim, acompanhamos a falta de condições e a trajetória de luta de vida dos meus pais. A minha infância, embora filho de casal pobre, humilde, foi muito boa. Alguns tios auxiliaram na minha educação e na dos meus irmãos. Não tenho queixas, nunca me faltou água e pão na mesa para comer.

(...)

Onde é que começa a minha trajetória e a minha chegada ao Brasil? Quando eu

²² FAVARETO, Julia Spiguel. *Op.Cit*

²³ BHABHA, Homi. *Hybridité, hétérogénéité et culture contemporaine*, Centre Georges Pompidou, Musée National d'Art Moderne, Paris, mai./ago. 1989.

estava no último ano do ensino médio, foi uma universidade do interior de São Paulo para Angola, a FACOL (Faculdade Orígenes Lessa), fazer recrutamento de alunos. A partir dali nós conhecemos o Brasil, no caso São Paulo. A proposta da universidade era tirar alunos de Angola, que tivessem possibilidades de pagar uma faculdade média no interior de São Paulo, que tem um custo de vida baixo. O aluno teria direito à estada, universidade e transporte, e pagaria uma quantia no final do mês por esse pacote.

(...)

O meu pai e o meu tio disseram: “O rapaz pode ir, vamos fazer um sacrifício, apertar um pouquinho os cintos e mandar uma quantia para ele sobreviver lá.”. O custo mensal era uns U\$ 600,00 ou U\$ 700,00, juntando cada um, um tio dá U\$ 200,00, outro dá U\$ 100,00, vai juntando e não pesaria no bolso de uma pessoa só. Foi assim que eu vim. (...) Nas famílias pobres de Angola, a nossa base de formação é a seguinte: forma-se primeiro o mais velho e depois o menor. E é um ciclo, primeiro forma-se o mais velho, o mais velho e os pais formam o segundo, o segundo, o mais velho e os pais formam o terceiro e assim toda a família tem uma formação superior.

Fizemos o vestibular em Angola, a universidade conseguiu as declarações para obtenção do visto de estudante e veio um grupo de cerca de 20 jovens para Lençóis Paulista. Chegando a Lençóis Paulista, eu e mais alguns amigos constatamos que havia algum equívoco sobre a estrutura que seria a cidade e a universidade e nós começamos a visionar a ideia de vir para uma cidade grande, no caso São Paulo. Vivemos lá os primeiros seis meses e começamos a organizar a nossa vinda para São Paulo.

(...)

A grande dificuldade aqui em São Paulo foi a locação de casa, porque para locar precisa ter um fiador ou dar um depósito a mais e tem que ter alguns documentos, tipo: comprovante de renda, que nós não tínhamos. O meio que temos usado é os três depósitos, mas ainda assim o processo de locação vem acompanhado de uma série de documentos que nós não temos e não tem um órgão que possa declarar que não temos tais documentos, mas que temos condições de pagar aquela locação.

Então, essa foi a primeira dificuldade que nós encontramos. Vivemos em alguns



pensionatos durante alguns meses, três ou quatro alunos em quatinhos de meio metro quadrado com treliche, um quarto de dois metros quadrados com oito pessoas... Com o passar do tempo, nós conseguimos alguns meios de fazer a locação. Alguns angolanos que estavam aqui há mais tempo cederam os nomes e os documentos, aceitaram fiar na confiança, na fé e agradecemos os que fizeram isso por nós.

(...)

Dentro dessas dificuldades todas, surgiu a ideia de criarmos uma associação de estudantes angolanos aqui. O pessoal se reuniu e fizemos a nossa primeira reunião no dia 8 de fevereiro de 2012. Nesse dia, foi marcado o nascimento da UNEA, União dos Estudantes Angolanos em São Paulo. Esse grupo de jovens elaborou um estatuto, uma ata e a partir dali nós fomos ajudando uns aos outros.

Fazemos alguns grupos de debates, nos reunimos semanalmente aos domingos para discutir algumas questões como a nossa estada aqui, política, economia. Algumas pessoas foram fazendo pequenas palestras referentes às suas áreas específicas: como economizar energia, água, gás. Então, organizamos novas formas para que possamos ter uma vida mais saudável e mais aconchegante partilhando um pouquinho da experiência que cada um tem.

E fomos caminhando desse jeito, unidos, um grupo sólido até que um dia aconteceu uma tentativa de chacina que culminou na morte de uma estudante angolana, a Zulmira Cardoso. A morte foi noticiada em alguns jornais, mas, de certa forma, maquiada. Maquiaram as notícias, maquiou-se o verdadeiro fato da morte! Nós sentimos muito e um núcleo da UNEA sentiu-se obrigado a reivindicar por essa morte, até porque foi uma tentativa de chacina que quase morreram quatro pessoas..., morreu uma estudante, uma angolana, uma cidadã. Então, independente disso, nós queríamos evitar futuras situações do gênero, preservar a nossa segurança. Cadê a nossa segurança?! Por preconceito e ignorância de algumas pessoas, vão morrer outras pessoas? Tínhamos que fazer alguma coisa para melhorar isso.

Foi assim que nós intervimos e passamos a integralizar uma parte do movimento social em São Paulo. Participamos de algumas reuniões com a EDUCAFRO, a

UNIAFRO, a UNEGRO, com os quilombolas, vários grupos sociais do movimento negro e movimentos sociais de São Paulo. A partir dali fomos caminhando com esses movimentos para tentar solidificar a nossa união, reivindicar e zelar pela nossa segurança. Não tivemos apoio nem do nosso governo, pelos órgãos consulares e embaixada, e nem do governo brasileiro, que não tem nenhum departamento que auxilie esses tipos de casos não previstos na legislação.

Então, nós tentamos juntar aliados para fazer uma união sólida, tanto de angolanos, quanto de brasileiros. E estamos assim até hoje, com a União dos Estudantes, que é basicamente constituída por estudantes e que não tem nenhum vínculo governamental. Contamos com o apoio da comunidade angolana, que é composta por comerciantes, ex-refugiados, estudantes bolseiros, estudantes por conta própria, que somos nós, e temos as nossas parcerias brasileiras, que são as pessoas que nos apoiam e nos ajudam a sobreviver em São Paulo.

(...)

Quando se fala especificamente de imigração africana, esta traz consigo outros fatores que nós já sabemos, a questão social e o preconceito, que ainda é vigente na sociedade brasileira, como temos constatado aqui dia após dia.

(...)

Não tinha ideia disso antes de vir para cá. Eu via o campo de futebol, no time do Brasil tinha Ronaldo, Cafu, Romário, via um monte de jogadores lá e nunca vi um totalmente branco, branco, branco, a maioria era parda. Aí eu pensava: “Tá aí, o Brasil é o país da diversidade!”. Você vê nas escolas de samba, passa o Carnaval do Brasil como se fosse o melhor lugar do mundo para se estar. A cara do samba são as passistas negras, e é isso que passa lá fora. “Ali é um país de harmonia, o pessoal lá interage independentemente desse negócio de cor, de raça.”. Eu nasci num país onde 99% das pessoas são negras de origem, então eu pensava: “Vou para um país que é aceitável, não vai ter essa diferença cultural.” (...) A gente estuda na escola que a maior parte dos escravos foi para os Estados Unidos e Brasil, porque era onde tinham as maiores plantações e fazendas de café, que era a base comercial do mundo antigamente. Então,

achávamos que iríamos para casa e que encontraríamos a mesma estrutura, pois fomos colonizados pelo mesmo país, que é Portugal, e de certa forma a gente se torna irmão.

Quando chegamos aqui, vimos que é totalmente diferente. A gente tem que passar por uma reeducação, tem que passar por um processo de aprendizado a lidar com essa nova estrutura que você encontra. E, com alguns estudos, eu fui percebendo que o preconceito no Brasil é uma questão histórica, é uma base que já vem há muito tempo.

(...)

Quando estou na região do Brás, eu me sinto um pouco em Angola... Lá é onde está concentrado o maior número de angolanos. Os angolanos reúnem-se ali como se estivessem em Angola, ouvindo as nossas músicas, conversando, ali é a nossa comunidade. O Brás para nós é como se fosse a Liberdade para os japoneses. Tem um grupo específico que organiza festas com as nossas músicas, com os nossos DJ's, churrascos, almoços com as nossas comidas típicas... Agora, o grupo da UNEA é muito unido. Por exemplo, sempre nos reunimos para almoçar na casa do Agostinho ou na minha casa, não tem arroz e feijão, a gente faz a nossa comida.

(...)

Sabe, eu mudei muito depois da minha vivência aqui. Na verdade, acho que mudou quase tudo. O que eu sou hoje é apenas um pouquinho do que eu era há três anos quando eu vim de Angola. Eu me tornei uma pessoa melhor. Eu era um pouco arrogante, um pouco não, eu era muito arrogante! Eu não conhecia nada de movimentos sociais, nunca tinha participado de nada disso. As minhas crenças eram totalmente diferentes das que tenho hoje... Hoje eu me sinto uma pessoa mais madura, mas ainda em crescimento, com vontade de querer aprender, querer crescer cada vez mais, e antes eu não era assim. Eu era um adolescente arrogante que só queria saber do que existe no momento. Eu não acreditava e não lutava por nada. Lutava para eu estar bem, seguia aquilo que me fazia bem, e o que me fazia bem era pouca coisa, era um tênis novo e o lugar onde eu estivesse em evidência entre as meninas. Mas hoje eu já não sou só isso. Ainda sou um pouco vaidoso, mas aprendi alguns valores... Eu passei por algumas dificuldades que me fizeram crescer... Eu acho que o que me fez mudar foram os movimentos sociais. O que

eu sou hoje, talvez, já existisse lá dentro de mim, lá nos escombros, mas na sociedade onde eu morava, era obrigado a agir num determinado padrão.

(...)

Como eu olho o meu país de fora? As pessoas aqui de São Paulo reclamam, mas às vezes precisariam sair para saber o quão é valiosa a vossa cidade. Quando saí de Luanda para São Paulo, cheguei à conclusão de que, além da base cultural e da essência familiar, não há muita coisa que eu possa referenciar. Eu seria um patriota egoísta dizendo hoje que o meu país é super, que está tudo bem e que estou morrendo de vontade de estar lá. Mentira! Eu não estou morrendo de vontade de estar lá, eu estou morrendo de vontade de ficar com a minha família, com os meus amigos, de ir para uma aldeia e ver um soba, tomar um banho de rio... Mas vontade de estar no país com a base política, com a falta de estrutura que tem lá? Não tenho!

A minha visão é a seguinte: falta estrutura naquele país, tem valores culturais e étnicos, mas muita coisa precisa ser corrigida. Vendo de fora essas coisas que precisam ser corrigidas, eu quero voltar para lá e ajudar de uma maneira ou de outra. Eu quero voltar! Mas se surgir uma oportunidade de ficar aqui, eu fico! Por exemplo, se eu me apaixonar, tiver filhos e casar... Mesmo ficando eu vou encontrar um meio termo para ajudar no desenvolvimento de lá, não vou deixar de ser angolano. Eu não vou quebrar o compromisso que eu tenho com a minha terra!

Agora, o que é ser estrangeiro?... Pergunta pertinente... Estrangeiro, como a palavra já diz, estranho. Você é uma pessoa estranha. Ser estrangeiro, na realidade, é se encontrar no meio de uma sociedade que você desconhece, de uma cultura que você não sabe nada, ou seja, ser estrangeiro é renascer, é nascer de novo, começar do zero. Sair de um lugar para o outro é recomeçar, aqui você vai ter que fazer amigos, fazer irmãos dentro dos amigos, ter uma casa para morar, ter um trabalho, ter uma escola, formar uma opinião baseada naquela sociedade, porque eu não posso ser altruísta, sair de um lugar específico e trazer a mesma opinião. Tenho que balançar as coisas, saber que nesse lugar agem dessa forma por causa de certas situações. Como eu saio de um lugar e vou para outro, tenho que aprender a agir com essas situações. Isso é um renascimento. Eu



defino ser estrangeiro como ser um renascido, um cara que aflorou num outro lugar e tem que aprender a sobreviver dentro de onde ele nasceu.

Os fragmentos da entrevista de Marseu de Carvalho, jovem angolano de 21 anos que vive na cidade de São Paulo desde 2011, nos remetem a dilemas antigos cuja origem está na escravidão. Essa imigração recente e ainda em curso traz a tona à reflexão sobre os problemas sociais e a superação ou permanência desses grupos. Esses jovens optaram por estudar no Brasil pela facilidade da língua e por acharem que este é um país de oportunidades tanto de trabalho, como de formação para se qualificarem profissionalmente e retornarem aos seus países.

A narrativa de Marseu nos dá a dimensão do que significa ser imigrante africano e negro no Brasil, uma vez que essa imigração é carregada de estereótipos e preconceitos: primeiro porque a representação de África é centrada na miséria, nas guerras e doenças e, muitas vezes, associada e identificada com o tráfico internacional de drogas. A homogeneidade na representação do continente, os estigmas oriundos da escravidão e da eugenia recorrentes na configuração da sociedade brasileira sobre esses recém chegados mostram que ainda há muito preconceito racial em nosso país.

O principal fluxo da imigração angolana se deu a partir da década de 1990 pelos solicitantes de refúgio, devido à situação conflituosa que Angola vivia desde a sua independência. Nesse período muitos angolanos solicitaram visto de estudante na Embaixada Brasileira em Angola, uma das únicas que ainda concedia vistos, e quando aqui chegavam, solicitavam a condição de refugiados. Com o fim da guerra civil, muitos permaneceram e se estruturaram na região do Brás para atender um novo fluxo migratório de angolanos, composto por dois grupos: mulheres comerciantes ambulantes, pejorativamente denominadas sacoleiras, que viajam à São Paulo para adquirir mercadorias que são vendidas em Angola; e estudantes que encontraram no Brasil uma oportunidade de cursar o ensino superior em universidades privadas, muitas delas de baixa qualidade, mas que oferecem mensalidades reduzidas.

Marseu nos diz que existe uma peculiaridade na imigração desses estudantes: a

solidariedade dos membros da família que se organizam financeiramente para manter os estudos desses jovens, caracterizando assim uma rede continua onde aquele que conclui os estudos e se estabiliza assume o compromisso de ajudar o outro e assim sucessivamente. Isso revela o sentimento de presença e ausência fundamentada na expectativa do retorno dos que migram, por um período curto, e dos que ficam, pelo apoio aos parentes que depositam no jovem o sonho de terem um graduado na família.

Marseu é enfático ao dizer que quando chegam, esses jovens enfrentam algumas dificuldades, mas encontram acolhimento e apoio dos conterrâneos já estabelecidos na cidade. Para amenizar algumas dessas dificuldades organizaram-se e criaram a União de Estudantes Angolanos de São Paulo - UNEA, espaço onde se sociabilizam e compartilham suas experiências.

Para esses imigrantes, o bairro do Brás, localizado na região central da cidade de São Paulo, é considerado um pedaço de Angola. É lá onde se concentra grande parte dos angolanos, muitos deles donos de pequenos comércios, tais como restaurantes, hotéis, lojas. No bairro, reterritorializados mantiveram a característica cultural resultante do lugar de origem e buscaram reencontrar na reconstituição das relações um fator fundamental para a sobrevivência social e de vida cotidiana. É lá onde se reúnem, fazem suas festas, ouvem suas músicas, falam suas gírias, comem suas comidas e amenizam o sentimento de ser estrangeiro em terras estranhas.

Foi nesse mesmo bairro que a estudante angolana Zulmira Cardoso de 26 anos foi assassinada, quando estava num bar com seus amigos. Após uma discussão entre um grupo de angolanos e alguns brasileiros que estavam no bar, um desses rapazes saiu e voltou dentro de um carro atirando e alvejando cinco pessoas, causando a morte de Zulmira. Com o slogan “Zulmira Somos Nós”, um núcleo da UNEA se mobilizou e organizou movimentos reivindicando das autoridades brasileira e angolana empenho na solução do caso e punição dos culpados. Foi nesse momento que alguns membros da UNEA se aproximou de organizações como a EDUCAFRO, UNIAFRO, UNEGRO e CHDIC, que se solidarizaram com o caso e organizaram atos de mobilização pública e em direção à várias instituições.

Estar fora de seu lugar, conhecer outra realidade e engajar-se em movimentos reivindicatórios permitiu a Marseu repensar o seu lugar no mundo. Também possibilitou a crítica da estrutura político-econômica de seu país, ressignificando as noções pretéritas sobre o valor e o papel do Estado e da democracia como lugares de segurança, garantia e cuidado aos que vivem adversidades. Vale ressaltar que o governo angolano, cujo governante está há 37 anos no poder e que reprime fortemente qualquer tipo de manifestação pública, está centrado numa política econômica voltada aos interesses das grandes empresas petrolíferas que exploram a riqueza advinda desse recurso está concentrada nas mãos de uma minoria, enquanto que a grande maioria da população vive em total miserabilidade.

Viver na condição de imigrante para Marseu lhe deu a percepção de que ser estrangeiro é reinventar sua cultura e seus costumes e as dificuldades comuns e fez com que organizasse com os seus e buscassem alternativas para ressignificação dos espaços e das relações, buscando outras configurações identitárias nesse novo contexto.

Narrativas literárias: Laurentina e Mandume

Em 06 de novembro de 2005, ao sul de Angola, o escritor fictício de **As mulheres do meu pai**, do autor angolano José Eduardo Agualusa, sonha com a personagem Laurentina e com a frase: “De quantas verdades se faz uma mentira?”. A sentença onírica gerará o momento primeiro do livro imaginário e do real: mentiras primordiais. Laurentina rememora a tarde em que sua mãe morreu. Essa entrega-lhe uma carta; o homem, que acreditava ser seu pai, repete a questão: “De quantas verdades se faz uma mentira?”, para, logo em seguida, responder: “- Muitas, Laurentina, muitas! Uma mentira para que funcione, há-de ser composta por muitas verdades.”

Inicia-se, então, a des e construção da identidade de Laurentina. Ai inicia, também, a viagem da personagem, acompanhada por seu namorado, Mandume, em busca de seu verdadeiro pai e de sua Angola. Mandume e Laurentina são filhos de estrangeiros em Portugal; angolanos e moçambicanos que migram por questões diversas, mas,

sobretudo, em função das guerras de independência. Os dois personagens espelham o paradoxo da afirmação e negação ao lugar para onde seus familiares migraram. Se Laurentina deseja regressar à África, o mesmo não ocorre com Mandume – o preto mais branco de Portugal. A adjetivação reflete o sentimento de Mandume, “que decidiu ser português”, assim como a frase dita antes que saísse do avião: “O cheiro de África? Cheira a xixi, caramba!” Filho de um casal luandense, Mandume herda a rejeição paterna a uma Angola que assassina seus irmãos pós-independência. Laurentina, filha de moçambicanos, tem por herança a saudade paterna de um aroma perdido: “quem não sabe o que é o cheiro de África, não sabe a que cheira a vida!...”

Narrada por três vozes, a história nos leva a percepção de uma África plural, amada e odiada, permeada de narrativas e visões que como num caleidoscópio, pretendem formar uma imagem do continente.

Laurentina quer conhecer suas raízes, Mandume replica: “Raízes? Raízes têm as plantas e é por isso que não se podem mover. Eu não tenho raízes. Sou um homem livre. (...) Raízes têm as árvores – grita-lhe -, nem eu, nem tu somos africanos.” Ao conhecer Laurentina, ela se torna sua pátria.”

Nesse livro, Agualusa diz tratar do que nomeará como os novos portugueses, ou os descendentes de africanos que vivem em Portugal. Laurentina Manso, personagem central da narrativa, documentarista, ao percorrer a África em busca de suas origens e da trajetória de seu pai, Faustino Manso, traça junto com os dois autores – fictício e real – as vidas múltiplas de africanos e estrangeiros. A viagem de Laurentina espelha a do seu autor ficcional pelo continente africano, em companhia da cineasta inglesa Karen Boswall. E Laurentina sintetiza os “portugueses” de origem africana e o questionamento sobre sua identidade.

A África de Agualusa aparece como o continente do onírico e do absurdo – como a América Latina de Gabriel García Márquez e outros. Deparamo-nos com um universo de personagens que se constroem pelo estranhamento: uma anã com uma galinha que se imagina um cachorro, um funcionário público que come sereias, uma bailarina que dança solitária e nua. Uma e muitas Áfricas. Como disse Naomi Jaffé: “nada de festas,

batuques, sujeira e miséria”, um continente que não habita nosso imaginário. Uma África que também se estrutura nesse estranhamento, compartilhado por Mandume.

A pergunta "Afinal, em que consiste um preto?" reverbera para outra: Afinal, o que é ser nacional? Ou, num mundo globalizado, de deslocamentos por motivações várias, o que é a identidade e como a literatura pode traduzir esta questão?

Traduzir a identidade, assentada em um contexto de deslocamento, só se faz possível se essa se imbrica no próprio texto. A construção narrativa fragmenta-se em visões e tempos. Descobrimos lugares, personagens, hábitos. Ao longo da viagem, Laurentina também vai se conhecendo e conhecendo os sentidos de suas escolhas amorosas, profissionais e familiares. Nesse jardim de caminhos que se bifurcam, sabe que Faustino Manso não é verdadeiramente o seu pai.

Percebemos, contudo, que estávamos diante de mais uma falácia. A procura de Laurentina revela-se a nossa própria, afinal já não estamos nós, sempre, buscando um pai e um passado que, quando e se encontrado, se revela completamente diferente daquele que buscávamos?

Mas o que mais importa nessa trama não são os segredos e as descobertas, e sim o próprio ato de buscar. Seguindo a pergunta colocada no início do livro: "De quantas mentiras se faz uma verdade?", descobre-se que a verdade, quando revelada, pode ser muito mais desinteressante do que as mentiras que se criam sobre ela e, como diz o romance, "nada é tão verdadeiro que não mereça ser inventado".

Esse jogo de invenções leva-nos a outros questionamentos mais: quais são as fronteiras entre o nacional e o universal, entre o real e ao artificial.

Machado de Assis, em um texto chamado Instinto de Nacionalidade, lança uma pergunta que ecoa pela obra de Agualusa: o que define a ideia de nacional em literatura? A resposta de Machado desmonta a tese do nacionalismo literário em voga, em que a terra deve ter palmeiras onde cantam sabiás.

No universo machadiano, sabiás e palmeiras pertencem ao universo, ou a literatura universal, já que o sentido da Literatura se faz pela sua dimensão de universalidade, e qualquer particular, volta-se a isso.



Não há que se ter camelos para que se saiba que o Alcorão é um texto árabe, dirá Borges. Assim, não há que se ter tambores, para se identificar a literatura angolana. Aliás, a África imaginária de Agualusa mostra-nos como qualquer ideia de identidade faz-se falsa, pois o que vemos em suas páginas é a ruptura com de um imaginário, que, seguramente, construiu-se pelos artifícios de uma indústria cultural ávida por construções estereotipadas.

Gabriel García Márquez, em uma entrevista sobre sua viagem a Angola, afirmou que se sentiu voltando à infância. Essa percepção, que se traduziu em sua opção estética, ou no realismo maravilhoso, foi relida por Agualusa ao estabelecer pontes entre Angola e lugares diversos e suplantando os limites territoriais.

Em um mundo de deslocamentos constantes e de fronteiras em movimento, parece-nos que o único gesto possível da literatura constitui-se por uma construção de enredo e personagens que desmistifiquem a possibilidade de uma resposta unívoca. Agualusa, com *Laurentina* e *Mandume*, mostra-nos que a verdadeira identidade, talvez, somente esteja nos territórios de nossa imaginação. Imaginação literária e política, social e artística, individual e coletiva.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *As mulheres do meu pai*. Rio de Janeiro: Ed. Língua Geral, 2008.

ASSIS, Machado de. *Notícia da atual literatura brasileira - Instinto de Nacionalidade. Obra Completa (vol III)*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

BORGES, Jorge Luís. *O escritor argentino e a tradição. Obras Completas (I)*. São Paulo: Globo, 1998

BHABHA, Homi. *Hybridité, hétérogénéité et culture contemporaine*, Centre Georges Pompidou, Musée National d'Art Moderne, Paris, mai./ago. 1989.



BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos*. São Paulo: Cia das letras, 1994.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (orgs.). *Questões para a história do presente*. São Paulo: EDUSC, 1999.

CHOI, Keum Joa. *Além do Arco-Íris: a imigração coreana no Brasil*. Dissertação de Mestrado em História, São Paulo: FFLCH -USP, 1991.

DELGADO, Lucila A. Neves. *et alii. História Oral*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2007.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TRUZZI, Oswaldo. *Estudos Migratórios. Perspectivas metodológicas*. São Carlos: EduFSCar, 2005.

ELIOT, T.S. *A tradição e o talento individual. Ensaio de doutrina crítica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.

FAVARETTO, J. *Descolonizando Saberes: História dos Bolivianos em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: FFLCH-USP, 2012.

FREITAS, Patrícia Tavares de. *Imigração e Experiência Social: o circuito de subcontratação transnacional de força-de-trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo*. IFCH, Unicamp, Campinas, SP, 2009.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral. Possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2006.

IOKOI, Zilda M.G. *Intolerância e Resistência: A Saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil*. São Paulo/Itajaí: Humanitas/Univale, 2005.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LEFEBRE, H. *Hegel, Marx, Nietzsche*. 6ª ed. México: Siglo Veintiuno, 1984.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Reintroduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

RIOUX, Jean-Pierre. "Pode-se fazer uma história do presente?" In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.). *Questões para a história do presente*. São Paulo: EDUSC, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Renovar a Teoria crítica e Reinventar a Emancipação*



Social, São Paulo: Boitempo, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp, 1998.

SEYFERTH, Giralda. “A dimensão cultural da imigração” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, São Paulo: ANPOCS, 2011, pp. 47-62.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.